

**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM 2023**

**JAQUELINE ABREU DA SILVA MATOS**

**O BRINCAR E O CORPO DOCENTE NA ESCOLA**

Rio de Janeiro

2023



**JAQUELINE ABREU DA SILVA MATOS**

**O BRINCAR E O CORPO DOCENTE NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Psicomotora.

Orientador (a): M.a. Tatiana de Freitas Ordonhes de Mello

Rio de Janeiro

2023

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

M433 Matos, Jaqueline Abreu da Silva  
O brincar e o corpo docente na escola / Jaqueline Abreu da Silva  
Matos. - Rio de Janeiro, 2023.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação  
Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação,  
Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Tatiana de Freitas Ordonhes de Mello.

1. Psicomotricidade – Estudo e ensino. 2. Prática docente. 3.  
Corpo. 4. Brincadeiras. I. Mello, Tatiana de Freitas Ordonhes de. II.  
Colégio Pedro II. III Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

**JAQUELINE ABREU DA SILVA MATOS**

**O BRINCAR E O CORPO DOCENTE NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Psicomotora.

Aprovado em 31 de outubro de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. M.a. Tatiana de Freitas Ordonhes de Mello  
Colégio Pedro II  
Orientador

---

Prof. Dr. Camila Machado de Lima  
Colégio Pedro II

---

Profa. M.a. Fernanda Alves Vendas  
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2023

Dedico esse trabalho a todos que fizeram parte da minha trajetória.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero primeiramente agradecer a Deus e aos meus caros professores que contribuíram para minha formação não só profissional, como também, pessoal.

Aos meus amigos e colegas, principalmente minha amiga de jornada Priscila Terras, que estiveram comigo nessa caminhada.

Nossa querida e amada Kátia Bizzo que coordenou o curso com excelência.

Minha família e meu esposo pelo apoio.

Finalizo agradecendo a minha orientadora de extrema excelência Tatiana Mello.

Seria muito bom que o período da infância continuasse a ser o domínio do lúdico, do brinquedo, da brincadeira, enfim de criação de uma cultura da criança. Mas o que ocorre é que, até mesmo para a criança, as atividades lúdicas vêm sendo, cada vez mais precocemente subtraídas do cotidiano"

(MARCELLINO, 2002).

## RESUMO

MATOS, Jaqueline Abreu da Silva. **O brincar e o corpo docente na escola**: 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

O presente tema tem como objetivo investigar as relações entre o brincar, os corpos dos docentes e as práticas pedagógicas na escola, enfatizando os estudos sobre o desenvolvimento das crianças, ressaltando a importância do olhar da psicomotricidade para o desenvolvimento integral dos sujeitos. Busca entender os motivos pelos quais os educadores não brincam e acabam por emparedar os corpos dos alunos dentro das salas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual incluo o meu-corpo-pesquisador revelando-me através das linhas narrativas que cruzam as experiências de infância com minhas experiências como professora e profissional de apoio em uma escola municipal do Estado do Rio de Janeiro. Para a discussão sobre a temática, trago os estudos teóricos de Ariès referentes ao nascimento cultural da infância. Os demais dados foram construídos e, ao mesmo tempo, analisados a partir da conversa com os estudos teóricos de Vygotsky (2007, 2001, 2008) e Wallon (2007) sobre aprendizagem, a construção da autonomia e desenvolvimento na infância. A partir das reflexões e narrativas docentes finalizo colocando luz sobre a importância dos jogos e do brincar livre para o desenvolvimento integral.

Palavras-chave: educação; corpo docente; psicomotricidade; brincar.

## ABSTRACT

MATOS, Jaqueline Abreu da Silva. **Play and the teaching staff at school**: 2023. Course Conclusion Paper (Specialization in Psychomotor Education) - Pro-Rectorcy of Postgraduate Studies, Research, Extension and Culture, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

This theme aims to investigate the relationships between playing, teaching staff and pedagogical practices at school, emphasizing studies on playing and student development, highlighting the importance of looking at psychomotricity for the integral development of the subject. It seeks to understand the teacher's relationship at school, as many educators don't play and end up walling up the bodies of students inside the classrooms. This is a qualitative research, in which I include my researcher-body, revealing myself through the narrative lines that cross my childhood experiences, with my experiences as a teacher and support professional in a municipal school in the State of Rio de Janeiro. To discuss the topic, we bring Ariès' theoretical studies regarding the cultural birth of play and the cultural birth of childhood. The remaining data were constructed and, at the same time, analyzed based on the conversation with the theoretical studies of Vygostky (2007) and Wallon (2007) on learning, the construction of autonomy and development in childhood. We bring to light the importance of games and free play for integral development.

**Keywords:** education; faculty; psychomotricity and play.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

RCNEI – Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil

SBP - Sociedade Brasileira de Psicomotricidade

ONU –Organização das Nações Unidas

DCNs– Diretrizes Curriculares Nacionais

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1.1. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA</b>	<b>12</b>
<b>2. OBJETIVOS</b>	<b>15</b>
<b>3. CONCEPÇÕES TEÓRICAS</b>	<b>16</b>
<b>3. História social da criança e o brincar</b>	<b>16</b>
<b>3.1 O olhar da Psicologia para o brincar e o desenvolvimento Humano</b>	<b>21</b>
<b>3.2 O corpo, o brincar e o desenvolvimento pelo olhar da Psicomotricidade</b>	<b>24</b>
<b>4. CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>27</b>
<b>4.1 Minha infância refletida nos corpos das crianças e na Pesquisa</b>	<b>27</b>
<b>5. O CORPO E O BRINCAR NA ESCOLA - EXPERIÊNCIAS A SEREM TRANSFORMADAS PELA PSICOMOTRICIDADE</b>	<b>30</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>40</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>43</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Essa monografia tem como tema central as relações entre o brincar e os modos que os corpos docentes habitam a escola.

Visando dar visibilidade ao ato de brincar para o desenvolvimento integral dos estudantes, retomo minhas experiências como professoras e profissionais de apoio escolar em espaços educativos. Com isso, busco compreender os possíveis motivos pelos quais o brincar é desvalorizado nas instituições e como os corpos docentes são atravessados por este processo de desvalorização.

A pesquisa tem como problema, portanto, abordar qual a importância do brincar na Educação e como os corpos docentes estão atravessados por este processo. Neste sentido, optamos, por uma questão ética, realizar esta investigação trazendo à luz a lembrança de minhas próprias experiências, que se compõe inicialmente no trabalho como profissional de apoio escolar, por dois anos em uma escola e um ano em uma creche e, também, a experiência de atuar como professora na Educação Infantil, de 2019 a 2020.

Esse tema nasce, então, do meu próprio estranhamento em algumas vivências e experiências dentro de escolas municipais no Estado do Rio de Janeiro, atravessadas pelas reflexões e estudos teóricos e pesquisas sobre o processo de aprendizagem através do brincar para a construção da autonomia e a identidade dos alunos, sob os quais me debrucei nos últimos anos.

### **Justificativa e relevância**

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.22)

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

De acordo com este documento normativo, as crianças interagem através das brincadeiras, onde explora suas imaginações, criatividade e desenvolvem diferentes capacidades através do brincar. Por isso, a socialização possibilita uma construção

da autonomia e identidade. Com base nessa ideia, é possível dizer que quando as crianças brincam exploram suas experiências e criam culturas e saberes, pois colocam em prática suas vivências de modo inovador. Os jogos e as brincadeiras despertam a necessidade de tomada de decisões, nas quais as crianças podem explorar hipóteses e colocá-las em prática.

Ainda com base na RCNEI, as crianças brincam sozinhas e não precisam ser ensinadas a brincarem, conforme destacado abaixo:

O educador não precisa ensinar a criança a brincar, pois este é um ato que acontece espontaneamente, mas sim planejar e organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada, propiciando às crianças a possibilidade de escolher os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar. Dessa maneira, poderão elaborar de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais (BRASIL, 1998, p. 29).

Com isso os alunos brincam espontaneamente pelo simples fato de serem crianças. De acordo com Oliveira (2000, p 17), quando a criança brinca ela ensina e coloca suas imaginações em ação. Com isso, ela arrisca e não tem medo de colocar suas imaginações em prática no brincar, onde para ela é um espaço de investigação e construção de conhecimento de si.

Vida a fora o meio exercerá sua influência, sua atuação falará à criança através das suas diferentes linguagens, convidando-a ou mesmo impelindo-a a agir ou, por outro lado, inibindo-a. A criança, contudo, tomará sempre parte ativa nessa escolha e seleção do que faz, como faz, para quem faz, quando faz e com que faz. O brincar ensina a escolher, a assumir, a participar, a delegar e postergar.

Cabe ao educador planejar e abrir espaços para ações que potencializem o desenvolvimento integral dos educandos.

Lea Tiriba (2010, p.8) evidencia que:

[...] as brincadeiras nos espaços externos podem constituir-se como fonte de sentimento de solidariedade e companheirismo. Um pátio que é de todos, e onde cada um pode escolher com quem e com o que deseja brincar, não favorece posturas individualistas e competitivas, ao contrário constitui-se como espaço de convivência.

A partir de tais ideias, neste trabalho, levantaremos algumas hipóteses sobre o porquê a brincadeira ainda é um desafio para a escola, já que muitos estudos apontam para o fato de que o brincar contribui para o processo de aprendizagem. Tiriba (2018, p.44), em relação a formação docente, nos alerta que

“as experiências vivenciadas na infância costumam influenciar fortemente a postura que assumimos em relação às experiências das crianças no pátio e nos demais espaços escolares” (p. 44). Portanto, segundo a autora, a desvalorização do brincar na escola é uma faceta da história pedagógica que se estende por anos, na qual essa prática é negligenciada, e em seguida, interfere no desenvolvimento das práticas docentes e desenvolvimento dos estudantes.

Na contramão deste processo, traremos à luz, no primeiro capítulo, os estudos de Ariès sobre o surgimento cultural da criança e o nascimento do brincar como objeto de estudo na Psicologia e na Educação, a fim de perceber as múltiplas concepções de infância e de brincar que atravessam a escola. Em seguida, trazemos os estudos teóricos de Lev Semionovitch Vygotsky (2007, 2001, 2008) sobre o desenvolvimento infantil e o brincar e os estudos de Henri Wallon (2007) sobre as relações entre corporeidade, inteligência e emoção.

No segundo capítulo, apresento como estratégia metodológica a pesquisa narrativa, a fim de incluir o corpo do pesquisador nas análises que faço das experiências vivenciadas nos espaços educativos na condição de professora, por uma questão ética, estética e política na pesquisa.

No terceiro capítulo, abordo a importância do olhar da psicomotricidade na Educação, para ampliação da compreensão sobre a importância do brincar no desenvolvimento integral das crianças.

## **2. OBJETIVOS:**

### **2.1 Objetivos Geral**

Mapear as experiências de brincar na escola e refletir sobre as experiências docentes a partir do olhar da Psicomotricidade.

### **2.2 – Objetivos Específicos**

- Investigar as concepções teóricas presentes nas práticas da escola;
- Investigar as influências das brincadeiras livres e dirigidas, jogos, brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento integral dos sujeitos;
- Narrar as vivências e experiências do brincar entre docentes e crianças na escola;
- Descrever a importância da Psicomotricidade na Educação e as relações com o meio.

### 3 – CONCEPÇÕES TEÓRICAS: História social da criança e o brincar

A importância do brincar está intimamente relacionada a uma determinada concepção de infância, que a compreende como um estado de potência e não como um tempo cronológico de preparação para a vida. Esta concepção vem sendo construída a partir de estudos de diferentes áreas como a Sociologia, a Antropologia, a História, a Psicologia e tantas outras que pensam as infâncias, as crianças e suas expressões e necessidades, em diferentes tempos, territórios e classes sociais.

De acordo com estudos de Ariés(1978, p. 50), durante o século XII:

[...] à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se dava devido à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.

Com base nesse trecho, o autor nos ajuda a refletir sobre os diferentes lugares sociais que as crianças ocupam em cada período da história e em cada cultura. Nesse período, na Europa, elas não eram colocadas como prioridades sociais e ainda não havia um olhar diferenciado pelas famílias para um atendimento especializado e adequado que atendesse as necessidades específicas das crianças, sendo consideradas como um “adulto em miniatura”.

Durante os séculos XIX e XX as crianças se tornaram objetos de estudos por pesquisadores, onde a infância e a importância do brincar começaram a despertar novos olhares e mais presente na vida das crianças(Ariés, 1978).

No Brasil, o século XX também foi um período no qualos pesquisadores despertaram o interesse pelo desenvolvimento das crianças e, neste sentido, o lugar da infância passou por um longo processo de transformação cultural, histórica e política, influenciados por estudos e documentos internacionais, como por exemplo, a Declaração dos Direitos da Criança, adotada em Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1959: “[...] a criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas (...)”.

Oliveira (2011) destaca que no final da década de 1920 e no início dos anos 1930, as mães intensificaram a luta pelos seus direitos e para terem um lugar para deixarem seus filhos, enquanto trabalhavam fora e não tinham com quem deixá-los,

fator social este que também transformou o lugar da infância e das crianças nos novos tempos em nosso país.

As creches surgiram no Brasil, então, com objetivo assistencial, visando apenas o “cuidar”, sem uma intencionalidade educativa, para que as mães pudessem trabalhar, devido o processo de industrialização e urbanização do país. Entendidas como um “mal necessário”, as creches eram planejadas como instituição de saúde, com rotinas de triagem, lactário, pessoal auxiliar de enfermagem, preocupação com higiene do ambiente físico” (OLIVEIRA, 2011, p. 100).

Embora as instituições ainda tivessem trabalhadores sem uma formação específica, na qual a base era apenas saúde, higiene e outras características relacionadas ao cuidar físico da criança e não educacional, aos poucos, a infância vai ganhando um novo lugar social e os estudos da Psicologia sobre o desenvolvimento das crianças tiveram grande influência neste processo.

Considerando que, neste trabalho, nosso foco está ajustado para as ações docentes no âmbito da escola, podemos nos perguntar como a estruturação de uma educação formal reflete atualmente ou não, os múltiplos processos de construção de uma concepção de infância relacionada a potência do brincar para o desenvolvimento e o quanto as questões econômicas atravessam a escola. De acordo com Del Priore (2013, p. 10), no Brasil, “o ensino público só foi instalado, e mesmo assim de forma precária, durante o governo do marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII”

[...] tanto a escolarização quanto a emergência da vida privada chegaram com grande atraso. Comparado aos países ocidentais onde o capitalismo instalou-se no alvorecer da Idade Moderna, o Brasil, país pobre, apoiando inicialmente no antigo sistema colonial e, posteriormente, numa tardia industrialização, não deixou muito espaço para que tais questões florescessem. Sem a presença de um sistema econômico que exigisse a adequação física e mental dos indivíduos a esta nova realidade, não foram implementados os instrumentos que permitiriam a adaptação a este novo cenário. (DEL PRIORE, 2013, p. 10).

A escolarização formal e universal tardia no Brasil refletiu a visão dos governantes da época que não compreendiam a importância dela para todos, enquanto outros países investiam na educação. Com o passar dos anos, essas experiências de outros países foram se tornando referência para o Brasil em seu processo de desenvolvimento nas questões educacionais.

Seguimos adiante apresentando os documentos e normativas que foram homologados nas últimas décadas e que apontam para este processo de mudança de paradigma nas concepções de infância e desenvolvimento.

Em 1990, o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) surgiu para afirmar a garantia dos direitos das crianças e adolescentes, como consta no art. 4º, que determina que:

é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros mais que asseguram a criança e adolescentes de ter seu desenvolvimento na sociedade em que vive (BRASIL, 2013, p. 5, 6).

A homologação desse documento foi um marco importante, pois onde não havia reconhecimento familiar sobre os direitos das crianças e a infância, ele possibilitou uma brecha para a abertura de um novo olhar. De acordo com Kuhlmann (2007, p.18-19), infelizmente por longo tempo as crianças ainda permaneciam sendo vistas de forma diferente a que este documento concebe. Muitas vezes consideradas como “mini adultos ou miniaturas”, a diferença entre o adulto e a criança era marcada apenas pela altura ou idade. As crianças exerciam os papéis comuns ao de um adulto, onde não tinham tempo para brincarem, interagirem, conversarem e se desenvolverem.

Portanto, a legalização dos direitos das crianças, avançando a cada dia, apontava para uma sociedade que, finalmente, poderia desfrutar das conquistas e o olhar diferenciado para uma educação, na qual toda criança teria o direito de brincar, de estudar, de se desenvolver, entre outros aspectos que possibilitaria uma educação significativa e construtiva.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), resultado de uma reorganização nas estruturas políticas e econômicas do país, aliada a um processo democrático na educação, culminou no reconhecimento e na valorização da Educação Infantil, não apenas como a primeira etapa da educação, porém, a mais importante para o desenvolvimento intelectual, afetivo e motor de crianças, principalmente a partir dos 3 anos (SILVA;PEREZ,2010).

Trazemos aqui o texto literal da LDB vigente (Brasil, 1996) para colocar luz nos direitos das crianças no espaço escolar:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a cinco anos de idade.

Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (BRASIL, 1996).

E seguimos para as normativas construídas, a partir do texto da LDB, para orientar as práticas na direção da garantia dos direitos das crianças:

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), cujo objetivo é contribuir para implementações de práticas educativas de qualidade no interior das instituições de Educação Infantil, ressalta que a prática desenvolvida nessas instituições deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (BRASIL, 1998a, p.63, v. 1).

As diretrizes curriculares Nacionais (DCN), orientam o planejamento curricular do educador e das instituições de ensino, sendo assim uma norma obrigatória. O parecer do Conselho Nacional de Educação de Nº 22/98-CEB que fundamenta as

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI, (1998) enfatiza que:

As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas propostas pedagógicas práticas de educação e cuidados que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo, linguísticos e sociais da criança entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível. (BRASIL, 1998, p. 17).

Com isso, é necessário que os planejamentos sejam feitos para melhorar o cotidiano das crianças.

Na elaboração da proposta curricular, diferentes arranjos de atividades poderão ser feitos, de acordo com as características de cada instituição, a orientação de sua proposta pedagógica, com atenção, evidentemente, às características das crianças. A organização curricular da Educação Infantil pode se estruturar em eixos, centros, campos ou módulos de experiências que devem se articular em torno dos princípios, condições e objetivos propostos nesta diretriz. Ela pode planejar a realização semanal, mensal e por períodos mais longos de atividades e projetos fugindo de rotinas mecânicas" (BRASIL, 2010, p.16).

Chegamos ao final deste ponto afirmando que, se por um lado, a escola ciente destes documentos, passa a exercer o seu papel por meio da educação, deixando de comparar ou colocar as crianças como adultos, por outro lado, se não oferece o direito ao brincar nas práticas da escola, não permite a criança seu direito de ser criança, vivendo em uma espécie de quarentena na escola, preparando-se para a vida adulta.

O que defendemos, ao contrário, neste trabalho, portanto, é o direito da criança ser criança. Como (BROUGÉRE, 1998 a, p.73) aponta: "A criança, não é mais um adulto em miniatura, mas um adulto em germinação".

É, assim, extremamente importante o educador se atentar aos direitos do educando ao brincar em seu processo de aprendizagem, pois a Educação Infantil e a primeira etapa da criança na unidade escolar, é onde ela conhece o novo. Com isso, possibilitar uma aprendizagem transformadora, trabalhando os aspectos físicos, emocionais, afetivo, linguísticos e sociais, é um desafio essencial a ser perseguido.

### 3.1 - O olhar da Psicologia para o brincar e o desenvolvimento humano

De acordo com Fonseca (2004), a psicomotricidade foi utilizada oficialmente por Ernest Depré, um importantíssimo psiquiatra e, a partir de 1920 se destacou no cenário de pesquisa, trazendo um novo olhar para os estudos do corpo.

A partir de 1925, foram os trabalhos de Henri Wallon que ganharam grande importância nos estudos da psicomotricidade, pois se dedicou a pesquisar o comportamento tônico, o meio e o desenvolvimento.

Compreendamos sua história para entendermos seu campo de estudos.

Henri Wallon nasceu em 15 de junho de 1879, onde ficou conhecido pela psicologia do desenvolvimento. Wallon foi médico, psicólogo e filósofo. Onde colaborou com grandes estudos na área do desenvolvimento, conhecido como psicólogo da infância. Suas observações originaram-se das funções motoras e tonalidade. Onde ele fala que a emoção é uma linguagem que contribui para um aprendizado lúdico que, por conseguinte, contribui para seu desenvolvimento motor e emocional. Diante disso, entende a importância do desenvolvimento motor e afetivo no processo de aprendizagem dos alunos e afirma que as crianças precisam explorar o espaço e o meio onde estão inseridas.

Para Henri Wallon, as brincadeiras fazem parte da infância, nos processos de desenvolvimento motor e afetivo das crianças. Segundo os seus estudos, o período da infância é extremamente importante para o restante do desenvolvimento motor e emocional ao longo da vida, período no qual precisa estar inserida em um ambiente que potencialize sua aprendizagem. Frisa que as brincadeiras que estabelecem uma aprendizagem construtiva, enriquecem o processo de desenvolvimento desses estudantes através das regras, meio social e a interação que eles reproduzem.

Segundo Wallon é nas interações sociais, na relação com o outro que a criança vai construindo o seu eu corporal, desenvolvendo sua afetividade e inteligência em um processo integrado, em um processo de diferenciação do eu e do outro, desde bebê e para sempre.

Enquanto bebê, a criança vivencia uma simbiose com a realidade externa, ainda não compreendendo os seus limites corporais, por isso, brincadeiras com diferentes materiais que dão contorno e limite ao corpo, como panos, espumas, cordas e emborrachados, caixas, são muito importantes, para experimentarem no corpo a sensação de dentro e fora, em cima e embaixo, rolando, caindo

pulando. Da mesma forma, brincadeiras de faz-de-conta, onde possa experimentar ser personagens outros e ver seus colegas vivenciando também estes personagens é muito importante para este processo de aproximação e afastamento. Estas brincadeiras produzem a necessidade de comunicação, de organização do pensamento que vai desenvolvendo ao mesmo tempo a inteligência, a afetividade e o eu corporal.

Vygotsky (2007, 2001, 2008) foi outro estudioso que estudou o desenvolvimento humano, considerando os aspectos sociais ou culturais dos indivíduos, investigando as motivações e as tendências que as crianças manifestam e seu desenvolvimento cognitivo. Um dos pontos centrais da teoria de Vygotsky foi a zona de desenvolvimento proximal, traduzida há alguns como, Zona de desenvolvimento Iminente.

A zona de desenvolvimento proximal traz a ideia de uma distância do que a criança consegue fazer sozinha, das ações que ela necessita do outro. Vygotsky (2007) determina dois níveis de desenvolvimento: o Real, representando o que a criança já consegue fazer sozinha e o Potencial, atividade que a criança tem capacidade de fazer, mas ainda não faz. A Zona de Desenvolvimento Proximal ou ZDP, representa o que a criança consegue realizar, mas contando com uma mediação. Com isso, é importantíssima a qualidade da interação com a criança para que ela possa se sentir confiante.

Segundo o autor, quando a criança nasce, ela já está inserida socialmente e a brincadeira é importante para a apropriação do mundo e dos conceitos desse ambiente externo a ela.

Lev Semionovitch Vygotsky (2007), afirma que através do brincar as crianças enfatizam o meio social, as fantasias, onde as crianças estão inseridas de forma cognitiva e social. Com isso, o brincar é de suma importância para o processo de desenvolvimento das crianças, onde tem um papel fundamental na construção da identidade e da autonomia. A criança desde pequena se comunica por meio de sons, gestos, movimentos corporais e as interferências do contexto social que contribui para sua formação. É no brincar que as crianças colocam em prática e desenvolve sua atenção, imitação e amadurece sua socialização e interação com o meio. “É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências externas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos”. (VYGOTSKY, 1991, p.109-110).

As brincadeiras livres ou dirigidas, jogos, brinquedos e brincadeiras, é de suma importância no processo de aprendizagem dos alunos. A partir dessa premissa, pretendo entender e explorar as expressões do corpo e como a psicomotricidade pode ajudar na formação destes sujeitos.

O brincar é importante para o desenvolvimento da criança e Vygotsky (2007) confirma essa afirmação. O brincar é de suma importância, pois promove diferentes aprendizagens, criando ou trabalhando as zonas de desenvolvimento proximal na criança:

[...] No brinquedo a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que ela é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento. (VYGOTSKY,2007,p.134).

É importante que o educador entenda que o brincar faz parte do desenvolvimento dos alunos. Os alunos na Educação Infantil desenvolvem a socialização com o meio, onde aprendem, possuem capacidades e potencial para atingirem as atividades ou objetivos a serem alcançados. A mediação é indispensável nesse processo, no qual estabelece para as crianças os estímulos, conhecimentos e interação com o meio, enriquecendo brincadeiras de faz de conta, onde a criança possa imaginar e brincar, sem medo de errar.

A brincadeira é, antes de tudo, uma confrontação com a cultura. Na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação. A brincadeira é a entrada na cultura, numa cultura particular, tal como ela existe num dado momento, mas com todo o seu peso histórico (BROUGÈRE,2010 p.82).

As crianças brincam, pois em cada região de um país, estados ou municípios possuem uma determinada brincadeira que caracteriza a sua região e, por isso, devemos respeitar os saberes de cada sujeito, pois eles revelam culturas diferentes que o tornam pertencentes.

A professora Zoia Ribeiro Prestes (2010), em pesquisa de doutorado, buscou investigar a tradução em meio às obras do professor Lev Vygotsky publicadas em português. Com isso, a pesquisadora encontrou uma série de equívocos nas traduções do russo para o português, inglês e espanhol. Para a autora, a brincadeira para Vygotsky não é a atividade predominante na infância. Comportar-se em

situação real como na brincadeira, de modo persistente, poderia ser um primeiro sintoma de delírio em uma criança ou jovem.

A criança da pré-escola (a partir dos 3 anos) brinca para realizar desejos que ainda não pode concretizar no mundo real, mas, não desejos objetivos-diretos. Desejos que geram impulsos e se apresentam de forma generalizada na brincadeira. Estes desejos muitas vezes vão de encontro aos desejos-diretos de outras crianças o que as estimulam e a flexibilizar, abrir mão por algum tempo, para verem uma brincadeira dar certo. Esses exercícios de sair de si mesma, de ver o outro, são essenciais para a construção de uma imagem de si positivas, essenciais para a construção de um sentimento de pertença a um grupo.

Vygotsky (2007, p. 107) escreve: “... parece-me que as teorias que ignoram o fato de que o brinquedo preenche necessidades da criança nada mais são do que uma intelectualização pedante da atividade do brincar.” Os brinquedos revelam condições no desenvolvimento da infância e podem ser utilizados como instrumento pedagógico.

O jogo é: expressão de uma das fases dessa diferenciação progressiva; é o produto da assimilação, dissociando-se da acomodação antes de se reintegrar nas formas de equilíbrio permanente que dele farão seu complemento, no nível do pensamento operatório ou racional [...]. O jogo constitui o polo extremo da assimilação do real ao eu. (Piaget, 2013, p.182).

Os jogos são essenciais para o processo de desenvolvimento da criança, pois através do lúdico elas aprendem de forma significativa e trabalham as regras que os jogos determinam. Com isso, as crianças aprendem a ganhar e perder, desenvolvendo diferentes comportamentos.

### **3.2 O corpo, o brincar e o desenvolvimento pelo olhar da Psicomotricidade**

O corpo é uma palavra que carrega uma historicidade ampla e complexa e que ao mesmo tempo contribui para compreender e ressignificar as relações entre os indivíduos em diferentes contextos sociais. Para Platão, o corpo era o lócus de aprisionamento da alma. Descartes partia de uma premissa semelhante, afirmando um dualismo entre corpo e mente, no qual o primeiro elemento era visto como algo insignificante (ALVES, et al, 2019).

As ideias de Freud (SANCHES, 2021) acerca do inconsciente permitem analisar o corpo para além daquilo que pode ser visto pelos olhos, ouvido pelos ouvidos ou tocado pelas mãos. Sendo assim, é possível considerar que a razão não explica isoladamente a totalidade que permeia os seres humanos, o que torna pertinente a compreensão do corpo como crucial para a formação dos sujeitos.

Fátima Alves (2012, p.55) salienta que “o corpo não é somente algo biológico e orgânico, mas que também expressa emoções e está repleto de significados [...]”. Com isso, é possível remeter a multiplicidade existente no corpo, como algo vive e atuante. O corpo não apenas se locomove, mas se comunica e se expressa das mais variadas formas, evidenciando tudo aquilo que a pessoa é, revelando até mesmo aspectos ocultos no íntimo.

Como pensar em sociedade e não destacar um corpo por onde os sujeitos vivenciam todas as experiências? Pensar em corpo envolve denotar toda a experiência que o indivíduo tem ao longo de sua vida. Diante de tal fator, no decorrer desta pesquisa, a visão de corpo adotada será como um elemento que é significado e continuamente alterados pela cultura (LOURO, 2016, p.6). Com isso, é possível entender que o corpo é o próprio indivíduo, que está em constante interação com o espaço à sua volta.

Cada corpo age de uma forma distinta no mundo, o que torna as experiências incomparáveis. Por mais que os sujeitos vivam em um contexto social semelhante e tenham vivências parecidas, nenhum corpo é igual ao outro, pois cada corpo é indivisível na forma de ser, estar e se manifestar.

Durante as aulas do curso Educação Psicomotora, ouvimos bastante sobre o corpo e como ele é importante em todo processo de desenvolvimento do sujeito. Podemos entender que o corpo toca porque é tocado e afetamos porque somos afetados de alguma forma.

O corpo é tudo aquilo que se percebe e não tudo aquilo que toca, por isso, entendermos que o corpo é também um sujeito, pois carrega estruturas de ações, percepções e sentimentos.

Winnicott investigou a área e o desenvolvimento lúdico, onde ele fala que o ambiente é de suma importância para o desenvolvimento do indivíduo, um ambiente com experiências e interações. Para o autor a interação consiste nas relações com o meio, nos cuidados físicos e no cuidar.

A partir do estado de não-integração se produz a integração por breves momentos ou períodos, e só gradualmente o estado geral de integração se transforma em fato. Fatores internos podem contribuir para promover a integração; como exemplo temos a exigência instintiva ou a expressão agressiva, cada uma delas sendo precedida por uma convergência aglutinadora do self como um todo. Nestes momentos, a consciência se torna possível, pois ali existe um self para tomar consciência. A integração também é estimulada pelo cuidado ambiental. Em psicologia, é preciso dizer que o bebê se desmancha em pedaços a não ser que alguém o mantenha inteiro. Nestes estágios o cuidado físico é um cuidado psicológico (WINNICOTT, 1990, p.137).

Com isso, estabelecendo uma relação com o ambiente, onde a criança possa se integrar e obter os cuidados físicos e mentais.

O psicomotricista André Lapierre enfatizou a importância da compreensão para o diálogo, onde estabelece o cuidado com as crianças pequenas, pois dialogam através do seu corpo e nos primeiros meses sentem a tensão afetiva com o meio. Lapierre, como psicomotricista relacional, afirma a importância da comunicação não verbal, onde a comunicação é a estruturação das relações.

Para Lapierre, os jogos e as brincadeiras são extremamente importantes e estão inseridos nos aspectos básicos e fundamentais da psicomotricidade. O brincar é o ato mais importante na relação com o corpo, pois possibilita experimentar várias experiências que somente no brincar é proporcionado.

Essa vivência emocional é encontrada inicialmente no estado mais puro ao nível das situações espontâneas que são determinadas pela procura do prazer viver seu corpo em relação com o mundo, com o espaço, com os objetos, com os outros (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 1986, p. 24).

Quando a criança brinca, em uma visão da simbologia do prazer, ela explora todo o seu corpo e suas emoções são colocadas em jogo, suas frustrações, suas conquistas, desenvolvendo seu corpo em íntima relação com o espaço, seres e objetos. Assim, é de suma importância que o educador busque ouvir-sentir as necessidades dos alunos, compreendendo uma escuta silenciosa através do corpo, onde possa atender melhor as necessidades de cada aluno.

O corpo é o principal instrumento para a construção de muitos conhecimentos, por isso, é necessário permitir o corpo múltiplas relações com a sua motricidade. Le Boulch (1987, p.44), estabelece um equilíbrio psicoafetivo da criança que passa pelas possibilidades de expressão e comunicação, no qual o brincar é de suma importância. Talina; Lima (2016) e Saura (2014) estabelecem

propostas relacionadas a brincadeiras com objetos que promovem a autonomia, conhecimento e possíveis explorações e simbolizações lúdicas.

Finalizamos esta parte, reafirmando o que os estudos da psicomotricidade ponderam sobre a importância do processo de construção da imagem corporal para a construção da identidade dos alunos na infância, pois é através do corpo em movimento que ocorrem as relações entre o mundo interno e externo e que, portanto, as atividades dentro do âmbito escolar podem ser ou não potencializadoras deste processo, através das vivências e brincadeiras.

#### **4 - REFERENCIAL METODOLÓGICO:**

##### **MINHA INFÂNCIA REFLETIDA NOS CORPOS DAS CRIANÇAS E NA PESQUISA**

Uma classe que se comporta com disciplina militar não deve ser tomada como modelo a ser alcançado a todo custo. Reais oportunidades de aprendizagem implicam troca de ideias, conversa, trabalho cooperativo. Expor ideias próprias é, em si, uma capacidade que deve ser estimulada e desenvolvida; isto não significa que o professor deva perder o controle da classe a cada aula. Sessões planejadas de trabalho em grupo, ou mesmo exposições orais diante da classe, são situações que permitem aos alunos organizar suas ideias e compará-las às dos colegas (BIZZO, 2002, p. 51).

Nesta parte do texto, me dedico a aprofundar as questões que me atravessaram ao longo de minha trajetória como docente e profissional de apoio escolar nos primeiros anos de profissão. Para isso, neste início, me amparei no conceito de rememoração, inspirados nos escritos de Benjamin, para tentar acessar a minha própria infância e buscar nela lentes que me ajudem a ver os corpos docentes na escola.

[...] imagens visuais ainda em grande parte isoladas, apesar do caráter enigmático de sua presença. Mas por isso mesmo, se quisermos com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura, temos que mergulhar numa camada especial, a mais profunda, dessa memória involuntária, na qual os momentos de reminiscência, não mais isoladamente, com imagens, mais informes, não-visuais, indefinidos e densos, anunciam-nos um todo, como o peso da rede anuncia sua presa ao pescador. (BENJAMIN, 1987, p. 49).

Rememorar minha infância não foi tão fácil como imaginei, mas, inicio dizendo que foram longos processos e que continuo em processo de construção de possíveis pontes entre o passado, o presente e o futuro.

### **Fragmentos de Memória -minhaInfância (Jaqueline Abreu)**

“Quando mais nova na Educação Infantil não sabia o que era brincar e até mesmo uma atividade lúdica, pois não era permitido”.

Lembro-me das falas da professora, dizendo que estávamos na escola para aprender e não para brincar. Minha mãe falava o mesmo. Onde não deveria perder tempo com brincadeiras e ao chegar da escola havia atividades para fazer, tarefas que a professora passava, tais como, recortar, colar, colorir, entre outras atividades. Minha mãe trabalhava na época e assim que chegava da escola, brincávamos na rua de pique-bandeira, queimado e saci na bananeira, entre outras brincadeiras que fizeram parte da minha infância. Brincava somente quando minha mãe trabalhava, pois além de achar as brincadeiras, perda de tempo, ainda fazia várias restrições devido à saúde.

Com isso, nem pensar em andar descalça, na chuva, correr, pegar friagem, me arriscar, pular, entre outras coisas que me fizeram ser uma pessoa cuidadosa ao extremo.

### **Fragmentos da memória – início da docência (Jaqueline Abreu)**

“Diante disso, quando tive minha primeira turma ficava com vários medos, como, por exemplo, das crianças correrem e se machucarem, mas isso faz parte da educação, mas infelizmente não compreendia. Buscava um ambiente que estivesse totalmente pronto e seguro para só assim permitir o brincar. Portanto, humanizar o ambiente é o essencial, as atividades que proporcionava para os alunos sempre foram lúdicas, mas sempre buscava atividades que eu pudesse dominar, onde as crianças não pudessem cair, como rolar no colchonete, pular nos bambolês, entre outras atividades lúdicas, mas que pudesse ter um devido controle. Infelizmente, percebi apenas depois, pois logo veio a pandemia”

Quando iniciei a pós-graduação em Educação Psicomotora no Colégio Pedro II as inquietações estavam comigo, mas eu não compreendia o porquê desse meu jeito de atuar na escola.

**O Parquinho**

**(Jaqueline Abreu)**

"Era uma vez um parquinho, era pequeno e com poucos brinquedos, com isso, os professores não levavam as crianças ao parquinho". Certo dia, a professora Joana, que estava voltando do recreio, parou para atender um aluno de sua classe que havia se machucado. Com isso, as crianças aproveitaram que a professora estava distraída, correram para o parquinho que ficava em frente à sala das crianças, todos brincaram e se alegraram principalmente Marcos que sempre pedia a professora para brincar no parquinho.

Portanto, quando a professora parou para olhar e chamar seus alunos na tentativa de retirá-los do parquinho se deparou com a alegria das crianças, as risadas altas e sua imensa felicidade de estarem realizando algo prazeroso. A professora então parou e observou seus alunos e se alegrou com eles.

Sendo assim, a professora continuou e ainda brincou com as crianças. A partir deste dia, a professora Joana começou a levar seus alunos com frequência ao parquinho. Tomou amor pelo parquinho e seus medos foram embora, compreendendo a importância do brincar para o desenvolvimento dos alunos, onde independente do lugar, o que mudava era o nosso olhar humanizado, potencializando o ambiente.

Com isso, a professora despertou o interesse das demais professoras para o parquinho, quebrando essa barreira entre a sala e o ambiente externo."

Esse texto foi escrito durante a aula de Desenvolvimento Psicomotor, através da dinâmica, quando após a escrita entendemos que estávamos falando de nós mesmos. E em algum momento de nossa vida nós fomos ou passamos por essa situação. Com isso, após descrever minhas experiências, pude perceber que estive nesse lugar de não brincar, estive o tempo todo com medo dos meus alunos se machucarem no brincar, mas essa barreira foi quebrada após as capacitações e estudos.

Hoje percebo que a forma que fui orientada desde nova e me afetaram ao longo dos anos. A Psicomotricidade me fez perceber a importância do corpo presente que permite vivenciar e brincar. Relembrar o que passei ou relembrar das lembranças trabalhando em diferentes ambientes me fez entender o quanto preciso evoluir.

O corpo do professor também carrega marcas de um sistema disciplinador, por isso, é importante viver o hoje e buscar novas experiências.

É necessário liberdade para olhar o céu e, percebendo que vai chover, levar as crianças para o pátio antes da chuva ou, então, prepará-las para o banho de chuva. Como conhecer o vento se não for possível sair para o pátio no momento em que venta, simplesmente porque não é o seu horário de pátio? (BARROS, 2018, p. 61).

## 5 - O CORPO E O BRINCAR NA ESCOLA—EXPERIÊNCIAS A SEREM TRANSFORMADAS PELA PSICOMOTRICIDADE

A desvalorização do brincar se repetiu em minhas diferentes experiências escolares e, por isso, nesta parte do texto seguirei apresentando as minhas inquietações para além da minha prática, ampliando meu olhar para situações coletivas vividas na escola, ancorada pelo conceito de experiência de Larrosa.

Segundo este autor,

O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos. É importante, porém, ter presente que, do ponto de vista da experiência, nem “conhecimento” nem “vida” significam o que significam habitualmente. (LARROSA, 2019, p. 27).

As experiências apresentadas aqui, portanto, são construções sensoriais, afetivas vividas em um tempo-espaco-corpo único e que me atravessaram em vivências em sala de aula durante alguns anos em que iniciei profissionalmente e, também, rememoradas durante o curso de pós-graduação em Psicomotricidade a que esse trabalho se referencia.

Desejo que o leitor as conheça e atravesse comigo este processo de rememoração e também minha retomada de meus cadernos de campo, convidados a participar de meu processo de transformação e busca de transformação destas práticas escolares, a partir do olhar da Psicomotricidade.

### **Fragmentos de memória – Os bebês e a TV**

“Quando trabalhava como profissional de apoio escolar, observava as crianças todos os dias sentadas e olhando para os vídeos na televisão, crianças de 2 anos, onde as brincadeiras eram apenas com brinquedos que haviam na caixa da creche”.

De acordo com que a Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP) (2018, p. XX):

Psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a

origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. É sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto.

Como afirma a ABP a psicomotricidade busca estudar o sujeito no mundo interno e externo e suas relações. Quando falamos do brincar, a psicomotricidade é extremamente importante, pois ela permite entender o corpo em seu espaço e suas necessidades. Buscando ouvir os educandos e compreendendo melhor os educadores.

“Visando garantir uma atmosfera de ordem e de harmonia, algumas práticas educacionais procurem simplesmente suprimir o movimento, impondo às crianças de diferentes idades rígidas restrições posturais”. (BRASIL, 1998, p. 17)

Portanto, estabelecer que as crianças fiquem apenas sentadas e ouvindo sem que seu corpo explore os demais espaços não é uma educação construtiva e significativa, romantizando um corpo aprisionado em um ambiente escolar. Sabemos que exigir dos alunos disciplina a todo tempo apenas paralisa os movimentos desse aluno.

### **Fragmentos de memória – Professora Regente**

“No meu primeiro ano de trabalho em 2016, estava em uma escola localizada em área de risco, as crianças não sabiam o que era brincar, ficavam sentadas aprendendo de forma tecnicista. A professora passava o conteúdo e os alunos sentados permaneciam. Assim que a professora se ausentava da sala, as crianças levantavam, pulavam, gritavam e ninguém entendia, apenas falavam, nossa, sem a professora regente eles não respeitam, mas eram os corpos dos alunos aprisionados nas cadeiras apenas ouvindo”.

Infelizmente essa prática se repete em muitas escolas, o que afirma muitos educadores em espaços de formação docente. Muitas crianças ficam horas sentadas apenas colhendo informações, sendo controladas para manter a ordem de uma sala quieta e disciplinada, onde todos obedecem seguindo diferentes demandas das escolas.

A vida, como a experiência, é a relação com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la. Por isso, colocar a relação educativa sob a tutela da experiência (e não da técnica, por exemplo, ou da

prática) não é outra coisa que enfatizar sua implicação com a vida, sua vitalidade. (LARROSA, 2019, p. 74).

Minhas vivências e experiências como aluna remontam memórias que refletem também uma cultura social de apenas produzir conteúdos e disciplinar a turma.

A partir daquitrigo outras narrativas retiradas de meus relatórios e cadernos de campo e que marcaram meu corpo e acredito que os corpos discentes, no intuito, de observar como os direitos das crianças ao brincar e ao desenvolvimento integral podem estar sendo valorizados ou negligenciados no espaço escolar. Em meus relatos, utilizo nomes fictícios para preservar a identidade dos envolvidos.

### **A música no lugar no pátio**

Uma triste realidade, lembro-me do meu primeiro ano trabalhando como profissional de apoio escolar em uma rede pública no estado do Rio de Janeiro, onde trabalhei com um aluno chamado Paulo, e quando passava para levá-lo na sala de recurso, encontrava pelo caminho algumas salas da Educação Infantil, sala pequenas, crianças sentadas e não havia nem espaço na sala para que as crianças pudessem se movimentar, sala pensada pelos orientadores nesse intuito, colocar os pequenos nas salas pequenas para que eles não tivessem como correr, pular e até mesmo andar por muito tempo pela sala. E todo o dia que passava por esse corredor, olhava as crianças sentadas com folhinhas na cadeira fazendo as atividades, no máximo que observava era o uso de massinha e a música na sala para climatizar o ambiente, sem nenhum objetivo pedagógico, apenas um diferencial do professor de uma determinada turma que colocava música todos os dias.

Um dia perguntei para esse professor, porque ele gostava tanto de música, pois todo o dia colocava para as crianças ouvirem, ele simplesmente respondeu: “eu gosto de música”. A sua sala era do lado da sala dos professores e todos não entendiam como ele gostava tanto de música.

As crianças em uma sala pequena, sem espaço e o professor utilizando o som todos os dias e não utilizava o pátio da escola, não fazia atividades com as crianças do lado de fora e apenas no dia estipulado pela escola, como o dia da recreação. Com isso, levava as crianças para o pátio e muitas delas se sentavam e ficavam, pois era tanto tempo sentadas que quando poderiam correr, brincar e explorar seu corpo simplesmente já estavam habituadas a estarem sentadas.

A escola lida a todo o momento com corpos vivos e ativos, o que infelizmente nem sempre é concebido, já que ainda perdura a ideia de um espaço escolar onde os corpos devem ficar aprisionados, contidos e enquadrados. Quando se priva o corpo de se expressar, se impede o indivíduo de exercer a própria independência e de demonstrar a sua essência. Com isso, tentam-se ajustar todos os alunos em uma caixinha padronizada em que as diferenças são ignoradas e desprezadas.

Segundo Foucault (1987, p.163) “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.” Complementando tal ideia, Lea Tiriba (2008) salienta que a escola tem sido um lócus onde se perpetua o controle massivo do corpo, inibindo os alunos de se expressarem e verem o mundo por suas próprias perspectivas.

É possível ver que todas as ações e estratégias que ocorrem no ambiente escolar têm uma intencionalidade. Com isso, toda a organização da escola com cadeiras enfileiradas, controle dos tempos e dos espaços, se fundamentam para docilizar o corpo e aprisioná-lo em padrões previamente formulados como um ideal (FOUCAULT, 1987).

Mas será que a educação institucionalizada está fadada a todo esse fracasso do potencial criativo dos sujeitos a partir do aprisionamento massivo dos corpos? Como mudar tal lógica de contenção do corpo no ambiente escolar, ainda mais com crianças pequenas da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental? Segundo Tiriba (2008, p.5), tal mudança será possível da seguinte forma:

[...] acreditando nos desejos das crianças, apostando em sua capacidade de escolha, possibilitando contato permanente com o mundo natural, brincadeiras, livre movimento do corpo. Entretanto, é evidente a distância da realidade escolar em relação a esta crença e a este movimento a favor do prazer, da potência. Onde estão as origens deste modo de funcionamento?

Nesse sentido, o olhar do professor a partir da psicomotricidade será de extrema relevância para que as experiências que as crianças tenham na escola sejam construtivas e significativas. A psicomotricidade permite justamente resgatar o lado humano das pessoas, pois entende que os indivíduos não são máquinas para serem ajustadas em um único ideal, mas sujeitos diferentes uns dos outros que no convívio social se reafirmam constantemente quem são através do corpo. Com isso,

ratifica-se contundentemente a necessidade de propiciar múltiplas vivências para que o corpo seja o lócus para o empoderamento do indivíduo.

O objetivo fundamental da escola deveria ser o de criar condições favoráveis ao desenvolvimento global da criança, de forma harmoniosa, em seus aspectos físico, socioemocional e intelectual. Priorizar apenas um desses aspectos em detrimento dos demais, seria danoso, pois, o desenvolvimento se realiza sempre de forma integrada”. (ELIAS, 1985, p. 9)

### **As brincadeiras de Victor**

“Meu aluno Victor, adorava brincar, não era da Educação Infantil, mas adorava correr, se esconder, brincar em todos os momentos. Ele tinha Síndrome de Down, suas atividades não eram adaptadas e a professora apenas levava imagens para ele pintar, pois ele gostava de ficar em pé e somente assim, ele sentava. Com o passar do tempo, Victor chegou a um momento em que não aceitava mais pintar e saía da sala correndo para a secretária para se esconder. Um determinado dia, ele saiu correndo da sala e fiquei procurando pela escola toda, até que me falaram, “Jaqueline, corre aqui, o Victor está na secretária”, se escondeu, eu cansada e já exausta de procurá-lo, imaginando que ele pudesse ter saído da escola, não estava querendo brincar, pois a minha preocupação estava extrema. Ao chegar perto o, Victor: BUMBUM, BUM MM...

Naquele momento só sabia rir, pois ele estava me esperando quietinho atrás da porta, pois sabia que eu estava procurando ele, pois sempre brincávamos e ele não queria mais ficar sentado na sala pintado. Sempre levava atividades em minha bolsa para fazer com ele, um determinado dia, o levei para o pátio e o com a fita crepe fiz a letra A, pedi para que ele contornasse, passando por cima, ele adorou, sentou no chão e fez em seu caderno a letra A, aquele dia me marcou, pois muitas pessoas falavam que ele não tinha como aprender, pois só brincava e não tinha uma boa assimilação, julgavam o tempo todo, com isso, pude perceber o quanto a brincadeira é potente. “Victor aprendeu a letra A brincando”, pois somente assim ele gostava de aprender, acredito que se as atividades dele fossem adaptadas de forma construtiva e significativa ele teria aprendido muito mais. Como profissional de apoio escolar não poderia tomar a frente de todas as atividades, mas sempre buscava levar atividades lúdicas”.

Com esse relato busco ressaltar a importância do brincar livre e dirigido, pois os dois podem trazer grandes benefícios para o processo de aprendizagem dos alunos, onde ambos podem permitir uma aprendizagem construtiva e significativa. Trabalhar com jogos, brincadeiras livres e dirigidas é importante, por isso, entender que o brincar é indiscutível para o desenvolvimento, motor, afetivo e cognitivo é importantíssimo. As instituições precisam valorizar o brincar e capacitar os docentes para uma prática construtiva.

## Comer ou ficar em pé?

No ano presente de 2023 comecei a trabalhar como professora diversificada, atuando em três turmas da Educação Infantil, nos dias em que a professora regente estava no seu planejamento. Com isso, no meu primeiro dia na escola a diretora pediu que atuassem em uma turma, juntamente com a professora regente, para entender melhor o funcionamento da unidade escolar.

Logo após dá entrada, a turma foi chamada para o almoço, a professora precisava ir ao banheiro e pediu para que acompanhasse a turma até o refeitório, muitas crianças não queriam comer e começaram a ficar em pé encostadas à parede, eu imediatamente, levei um susto, pedi para que as crianças sentassem, e eles falaram, tia, quem não quer comer fica em pé na fila e quem vai terminando também. Foi um susto muito grande vendo aquelas crianças todas em pé, nunca tinha visto uma situação como essa, e comecei a me incomodar, mas todos achavam normais, eram crianças de 4 e 5 anos, encostadas na parede esperando para irem para sala, as crianças apenas tinham esse horário de refeição, não era um horário do recreio, pois as crianças tinham que comer ou ficar em pé.

Com isso, seus lanches eram consumidos na sala, onde as crianças comiam os seus lanches sentados e olhando uns para os outros, sem momento de recreação, apenas momento de comer para aqueles que haviam levado lanche e que ficaram em pé esperando para retornarem, fica a minha reflexão sobre o olhar da infância para aquela Unidade Escolar, pois as crianças eram violentadas por permanecerem nessa situação.

As pessoas que trabalhavam nesta unidade achavam normal esse procedimento de comer ou ficar em pé, havia se tornado normal, pois era com todas as turmas, uma demanda organizada pela gestão escolar. Mas algumas semanas depois, algumas crianças começaram a reclamar com os pais sobre os pés estavam doendo e as crianças começaram a falar sobre essa prática, com isso, os responsáveis foram até a escola para perguntar a professora, mas infelizmente era uma prática que a escola pedia para ser cumprida.”

Conforme o ECA, art. 4º determina que:

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. [\(Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014\)](#) (BRASIL,1990).

Após reclamações adotaram uma nova medida, mas acabei saindo dessa unidade na mesma semana, meu desejo é que essa prática das crianças fiquem em pé não se repita. Vale ressaltar que o corpo fala, por mais que as crianças fossem pequenas para relatar um fato como esse, mas seus corpos começaram a reclamar de tanto tempo em pé, onde variava de 10 a 20 minutos, uma situação que me deixou espantada, mas que havia se tornado normal naquela unidade. Sendo assim, de alguma forma mesmo em pé e paradas as crianças brincam, imaginam e fantasiam.

### **Tem hora para brincar, mas não há tempo de planejar**

“À hora do parquinho tem sido bastante presente nas escolas e creches. Com isso, com base nas minhas experiências e vivências, a hora de brincar no pátio sempre foi algo normal nas instituições de ensino. Onde o brincar tem a hora marcada e o dia certo na semana. Caso o professor perca o seu dia, terá que esperar pela próxima semana para utilizar o pátio, caso o professor consiga negociar com outros professores que não fará o uso do mesmo, mas nem sempre obtém sucesso.

Diante disso, temos instituições de ensino que alegam que o professor levando as crianças para o pátio está sem atividades em sala, entende-se que o professor está levando os alunos para passar o tempo. Portanto, muitos professores não colocam no seu planejamento a hora do parquinho e com o será a proposta, se o brincar será livre ou direcionado, fazendo com que as instituições cada vez mais reforcem a ideia que o professor está apenas passando o tempo levando as crianças para o pátio escolar.”

Infelizmente essa visão é uma realidade que se repete em todos os segmentos de ensino. O brincar na Educação Infantil é fundamental, mas, quando as crianças chegam ao fundamental I é comum que elas não brinquem e os conteúdos programáticos sejam cobrados em todos os momentos de forma centralizada. Reafirmamos que a criança não deixou de ser criança porque está no fundamental I, pois a infância permanece. Elas têm direitos, mas, infelizmente continuam sendo negados, como pode se confirmar nos relatos de experiências.

Se as funções das professoras se restringem fundamentalmente às salas, fica excluído de seu universo de atuação o conjunto de percepções e aprendizagens que as crianças realizam nos espaços externos. Ficam secundarizadas as aprendizagens relacionadas ao contato com a natureza,

que vão além do cognitivo, que abrangem sensações, sentimentos, valores, enfim, outras dimensões do humano. (TIRIBA, 2018, p. 106).

### **A turma que me despertou inquietações**

"Me movo como educador, porque, primeiro me movo como gente."  
(FREIRE, 1996, p.94).

"No ano de 2019, trabalhei como profissional de apoio escolar em uma escola municipal, minha aluna se chamava Sol, ela fazia o uso sonda, não andava, não falava, usava cadeira de rodas e precisava da minha ajuda, ela tinha mielomeningocele e precisava de toda assistência pedagógica e higiênica. Era uma menina doce e calma, com isso, ficava com ela brincando e observando a sala. Onde havia uma professora regente e uma auxiliar, a auxiliar ordenava todas as demandas e a professora apenas observava e concordava com as suas atitudes.

As duas profissionais colocam desenhos e as crianças deveriam ficar sentadas em todos os momentos, caso alguma criança tentasse se mexer, elas já avisavam que iam ficar sem parquinho. O parquinho não tinha nada, apenas um espaço com brinquedos quebrados, onde elas levavam as crianças e as crianças corriam apenas naquele espaço, pois não havia nenhuma proposta de brincadeira ou pedagógica.

Havia um menino que gostava de ficar em pé e elas ficavam irritadas e questionava o menino da sua insistência de ficar em pé, com isso, a auxiliar tirou a camisa do menino que tinha um desenho estampado, virou do lado a verso e disse que o menino estava sem o desenho. O menino começou a chorar incansavelmente, meu coração ficou apertado, mas todos viam suas atitudes e não falavam nada, na época eu era uma estudante de Pedagogia, estava iniciando o 4º período, não sabia meus direitos e nem conhecimentos necessários, com isso, fiquei me perguntando até o final do curso o que poderia ter feito para ajudar aquele menino de uma violência na sua infância e no seu processo de aprendizagem. Minhas inquietações acerca do brincar vieram por causa dessa turma, pois todos os dias as crianças ficavam sentadas o dia todo.

Além disso, não deixavam as crianças brincarem, não traziam brincadeiras novas e lúdicas, visando que o brincar livre é de suma importância, mas brincadeiras com estratégias pedagógicas devem estar inseridas na formação dos alunos. Ambas, falavam que as crianças não iam brincar no parquinho ou quando brincavam na sala eram os mesmos brinquedos que havia na creche. Infelizmente essas crianças tinham medo da auxiliar, por mais que a professora não agisse com a auxiliar, infelizmente deixava controlar a sala, com isso, as crianças tinha uma visão dela como professora".

Com isso, entender a importância do corpo, vai além de olhar as crianças sentadas, mas proporcionar momentos de trocas, jogos, brincadeiras e momentos livres para que os alunos possam explorar sua imaginação, o espaço e os pares. As brincadeiras e jogos consistem em uma aprendizagem construtiva e enriquecida. A

psicomotricidade vem com intuito de estabelecer uma ligação; pois se relacionam e se estabelecem.

Calmels (2013, p. 31) afirma que, assim como se procura entender o homem por meio de estudos sobre o trabalho, para pensar a infância é necessário analisar a criança e sua relação com o jogo e com os brinquedos. A relação da criança com o objeto, em circunstância lúdica, se desponta como um recurso de compreensão da realidade do ser, na prática psicomotora (SABOYA, 1995, p. 21). O autor fala da importância do brincar e dos brinquedos estruturados ou não estruturados, onde proporcionam uma aprendizagem construtiva e desenvolvimento da imagem corporal.

Marcolan e Lazzer (2016) estabelecem uma proposta pedagógica específica: brincar de roda. Segundo as autoras, se faz necessário, entre as crianças, o resgate de brincadeiras desconhecidas ou esquecidas, como as brincadeiras de roda. Onde o brincar com rodas fornece diferentes benefícios para aprendizagem e o resgate brincadeiras desconhecidas e esquecidas.

Ao cooperar com os seus pares e crianças desenvolve conhecimentos quanto às suas próprias limitações, portanto, ao perceber e entender o outro, as crianças desenvolvem sua imagem corporal, com isso, o outro faz parte do seu processo de aprendizagem.

Portanto, vários autores enfatizam a importância do brincar e como as brincadeiras e jogos podem influenciar de forma positiva e simbólica no processo de desenvolvimento. Comisso, podemos observar a importância do corpo na escola, onde o corpo é além do que podemos olhar. Por isso, cabe ao professor fornecer tempo adequado para que a criança expresse sua intencionalidade gráfica e não oferecer respostas prontas às situações imaginativas expressas.

A educação transforma o cidadão e a sociedade, por isso, é necessário que as pessoas se coloquem no lugar das outras. Vivemos em um mundo totalmente tecnológico, onde as mídias estão tendo um grande espaço dentro de salas de aulas. Devemos estar atentos a essa demanda. Educar, possibilitar, renovar, desenvolver, inovar e transferir, são palavras essenciais. Somos educadores e formadores de opiniões.

A educação psicomotora deve ser considerada uma educação de base na escola primária. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares levando a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o seu tempo, adquirir habilmente a

coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde tenra idade; conduzida com perseverança permite prevenir inaptações difíceis de corrigir quando já estruturadas. (LE BOUCH, 1986, p. 15).

Sendo assim, o saber transforma vidas e nós como educadores devemos aprimorar nossos conhecimentos a cada dia, buscando sempre um ensino de qualidade para podermos ser melhores a cada dia. Uma educação que prioriza os alunos e entenda que a infância e o brincar estão inseridos no mesmo contexto.

Assim como o desemparedamento das crianças é essencial, o desemparedamento dos educadores em formação é uma necessidade e uma consequência. As atividades de sensibilização e de experimentação podem e devem ganhar espaço crescente nos processos de formação.” (TIRIBA, 2018, p. 47).

Conforme a autora, ela fala sobre o desemparedamento das crianças nas escolas, que ficam apenas em um determinado espaço do ambiente, podemos perceber sua grande preocupação referente o brincar e as descobertas das crianças ao longo da infância que se potencializam através das brincadeiras. Com isso, retrata a importância da formação desses educadores.

[...] a escola precisa fundamentalmente religar seres humanos e natureza, sair, desemparedar, proporcionar vivências nos ambientes naturais, aprender com seres e processos. É preciso tornar mais verde todos os ambientes, quebrar esta identificação do lugar de aprender com a sala de aula. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 73).

A educação é além da sala de aula, ela permite ultrapassar as paredes da sala de aula, transformando a educação de forma construtiva e prazerosa para o aluno e o educando, pois ambos precisam enfatizar a importância do brincar e de uma aprendizagem fora de sala de aula. O docente deve buscar capacitações para poder entender a importância da infância, embora muitos docentes não brinquem, pois em algum momento não brincaram, é essencial buscar quebrar essa barreira e entender a importância da formação.

Sendo assim, podemos concluir que o brincar possui vários benefícios e estabelece um conhecimento com o outro através da socialização e da interação. As crianças aprendem umas com as outras e observando o meio, sendo necessários deixá-las brincarem e conhecerem o espaço que estão inseridas.

As cadeiras enfileiradas e a sede pela produtividade acabam deixando os corpos dos alunos sem espaço para o explorar. É necessária uma educação que

visse além do que se pode ver, mas que formalize diferentes estratégias de ensino. Infelizmente nos deparamos com muitos profissionais que não são capacitados e acabam ficando perdidos devido às demandas, por isso, é necessário capacitá-los.

A escola precisa unir os alunos, professores e os pais para a construção de uma educação de qualidade e eficaz. Portanto, é necessário que os pais fiquem por dentro das estratégias da escola e que entendam como a infância é importante. Quebrando então, essa barreira e buscando fazer essa ligação, brincar é vida, e todos precisam brincar, pois podemos trabalhar e construir diversos objetivos. Precisamos de uma visão humanizada pela importância do corpo na escola e seu conhecimento, mesmo que muitos pais não consigam estar mais presente nas escolas é necessária essa busca.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em meu processo de formação aprendi bastante sobre o indivíduo atuando dentro da sociedade. E que a educação precisa ser inovadora e construtiva. Hoje vivemos em uma situação política bastante complicada, pois a educação precisa ser valorizada, mas infelizmente acaba sendo afetada. É necessário investir mais na educação, levantar a bandeira da igualdade social.

Quando falamos de educação, falamos dos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Meu último estágio foi em uma área de difícil acesso, situação precária, lugar onde tem muita criminalidade, um lugar deixado de lado. Onde crianças acabam se envolvendo com o crime por não terem opção, os pais muitas das vezes não sabem ler ou escrever e esses alunos precisam ajudar em casa de alguma forma. Portanto, podemos afirmar que a formalização e universalização do ensino não garante a infância nas escolas.

Eu trabalhei em unidades de ensino que estavam localizadas em áreas de risco e percebi que aqueles estudantes, aquelas pessoas apenas queriam ser vistas diferentes do que muitos olham para elas.

Buscando refletir sobre um ambiente sem estrutura para as crianças brincarem, comecei a pensar e refletir como estava sendo meu olhar e as inquietações começaram novamente, e assim veio a pandemia.

Quando iniciei a pós-graduação em Educação Psicomotora, não estava mais trabalhando como professora, mas as inquietações foram comigo. Com isso, ganhei um livro de presente no sorteio na pós-graduação, e assim que ganhei fiquei muito feliz, pois quando comecei a lê-lo o livro falava sobre o olhar humanizado.

Esse livro me desconstruiu e me construiu novamente, percebi que os problemas não eram as pessoas ou o ambiente, eles também estavam em mim, pois, quando você se humaniza o ambiente se torna outro, mesmo sem brinquedos e sem estruturas. O que te diferencia é o seu papel como educador é o seu olhar.

Quando falamos em brincar, muitas instituições acabam obtendo um olhar diferenciado, pois cobra produtividade o tempo todo e muitos professores acabam não percebendo, pois faz parte da sua rotina e sua vivência de mundo. Assim que comecei a trabalhar, percebi que havia algo de errado, mas não sabia o que era. Somente depois de alguns anos, comecei a perceber que a desvalorização pelo brincar nas instituições que me traziam inquietações, pois as crianças quando brincavam tinham horário determinado e o dia certo, isso na Educação Infantil, pois no ensino fundamental a única atividade lúdica era a Educação Física e mesmo assim nem todos participavam.

Diante disso, podemos perceber que as instituições não valorizam o brincar e os educadores acabam fazendo seus planejamentos sem atividade lúdica, onde as crianças aprendem brincando, mas é necessário planejar e construir uma aula significativa.

Diante desse cenário, a infância precisa ser entendida e o brincar precisa ser inserido nas escolas de forma centralizada como uma ferramenta que traz consigo grandes aprendizados no desenvolvimento das crianças e os estudos da Psicomotricidade podem ser essenciais para esta mudança de olhar.

Trabalhar de forma lúdica e que facilite a aprendizagem dos alunos é de suma importância, ressaltando a importância de um planejamento que insira o brincar na proposta pedagógica de ensino.

A cultura faz parte da nossa sociedade e onde estamos inseridos, um corpo que não teve experiências com o brincar na infância, será que esse corpo quando adulto brincará?

Durante minha trajetória pude perceber o quanto muitos professores não tinham o hábito de brincar com os alunos e as brincadeiras não eram de suma importância para esses educadores. É necessário construir novos conhecimentos

para que a barreira da seja quebrada, pois os educadores também passaram por marco de uma educação tecnicista, onde era necessária a disciplina o tempo todo, com isso, se faz necessário experimentar o hoje e vivenciar os momentos. É necessário entender o corpo do educador que possui marcas e vivências, mas buscando aprimorar os conhecimentos presentes em foco em uma educação significativa e construtiva.

Sendo assim, podemos concluir que o brincar possui vários benefícios e estabelece um conhecimento com o outro através da socialização e da interação. As crianças aprendem umas com as outras e observando o meio, sendo necessário deixá-las brincarem e conhecerem o espaço que estão inseridas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. A.; PERROTTA, C. S.; QUINTÃO, C. O. J.; SUSANO, C. C.; SCHAEFER, K. S. A. B.; THOMAZ, R. S. A. B.; RODRIGUES, R. N. N. Contenção ou liberdade: o que pode o corpo na escola? *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOMOTRICIDADE CONGRESSO/ CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOMOTRICIDADE, 9, 2019, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Psicomotricidade, 2019. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/contencao-ouliberdade-o-que-pode-o-corpo-na-escola/>. Acesso em: 13 de jun. de 2022.

ALVES, Fátima. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. **Histórico da Psicomotricidade**. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/> . Acesso em: 4 out.2023.

BARROS, Maria Izabel A. de (org.). **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BIZZO, N. **Ciências: fácil ou difícil?** 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Definição: Brincar**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/brincar/>. Acesso em: 8 out.2023

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>. Acesso em 12 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Resolução CEB nº 20, de 2009b**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394 de 1996**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9394.htm). Acesso em: 11 set.2023. BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **O Brincar - Versão Preliminar do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Secretaria da Educação. Brasília: MEC, 1998.

BROUGÉRE, G. **Jogo e Educação**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1998.

BROUGÉRE, G. **Brinquedo e cultura**. 4a ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CALMELS, D. **Fugas: el findel cuerpo em las comienzos del milenio**. Buenos Aires: Biblos, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 7a ed., 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Alfabetização: habilidades básicas- atividades**. São Paulo: Base Editorial e Tecnologia Educacional, 1985

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: SALOMÃO, J. (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FONSECA, V. da. **Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

KUHLMANN JR., M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LAPIERRE; AUCOUTURIER, A **simbologia do movimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LE BOUCH, Jean. **Educação Psicomotora: Psicocinética na Idade Escolar**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2a ed. Belo Horizonte -MG: Autêntica, 2001.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ª ed. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MAIOR, I.M.M. de L. (2017). Movimento político das pessoas com deficiência: reflexão sobre conquista de direitos. **Inclusão Social**, Brasília, v.10 n.2, p.28-36, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4029>. Acesso em: 13 ago.2023.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3ª ed. Campinas: Autores associados, 2002.

MARCOLAN, S.G.; LAZZER, L.P.A.S. O brincar no ensino fundamental: contribuição o desenvolvimento do aluno. Espírito Santo, **Ágora**, v.11, n.22, p.109-118, jun.2016. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/agora>. Acesso em 12 ago.2023.

OLIVEIRA, Z. **Jogos de papeis**. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Z. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIAGET. A Formação social do símbolo na criança. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

PERROTTA, C.; FERREIRA, C. T.; SCHAEFER, K. S. A. B.; AGUIAR, R. M. O olhar para a diversidade a partir das vivências psicomotoras com crianças. **Revista Práticas em Educação Infantil**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, 2019. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/praticasei/article/view/2073/1397>. Acesso em: 3 de jul. 2022.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: Repercussões no campo educacional**. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9123>. Acesso em: 21 set. 2023.

SANCHES, Daniela R. O corpo e a ética da psicanálise. *In*: TEPERMAN, D., GARRAFA T. IACONELLI, V(org.). **Corpo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SABOYA, B. **Bases psicomotoras: Aspectos neuropsicomotores e relacionais no primeiro ano de vida**. Rio de Janeiro: Trainel, 1995.

TALINA, M.D.L.; LIMA, P.E.D.S. Desenvolvimento da imagem corporal no primeiro ano do ensino fundamental. **Cadernos da Educação Básica**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.34-46, maio, 2016. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/706/615>. Acesso em 12 out.2023.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. 1º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, Léa. Proposta pedagógica: Corpo e movimento. **Salto para o Futuro: O corpo na escola**, ano 18, boletim 04, 2008. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/15142674/o-corpo-na-escola-tv-brasil> Acesso em: 19 ago. 2022.

TIRIBA, Léa. **As crianças da natureza**. Brasília: MEC, 2010.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana. O direito humano à interação com a natureza. *In*: SILVA; Ainda Maria Monteiro; TIRIBA, Léa (Org.). **Direito ao ambiente como**

**direito à vida: desafios para a educação em Direitos Humanos.** São Paulo: Cortez, 2014.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 7 ed. *In*: COLE, Michael; JOHNSTEINER, Vera; SCRIBNER, Sylvia e SOUBERMAN, Ellen. (orgs). Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **O papel do brinquedo no desenvolvimento.** São Paulo: Ícone, 1991.

VYGOTSKY, L.S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução: Zóia Prestes. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, jun., 2008. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://atvidart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

WALLON, Henri. **As Origens do Caráter na Criança.** São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1971.

WALLON, Henry. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana.** Rio de Janeiro: Imago ed., 1990.